

**“PARA SE CURAR DA AÇÃO DO TEMPO É  
NECESSÁRIO VOLTAR ATRÁS”: AS  
MEMÓRIAS EXISTENCIAIS DO PADRE  
IBIAPINA**

**Noemia Dayana de Oliveira**

Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES..

E-mail: [noemia\\_oliveira@hotmail.com](mailto:noemia_oliveira@hotmail.com)

**“PARA SE CURAR DA AÇÃO DO TEMPO É NECESSÁRIO VOLTAR ATRÁS”: AS MEMÓRIAS EXISTENCIAIS DO PADRE IBIAPINA**

**“PARA CURIAR DE LA ACCIÓN DEL TIEMPO ES NECESARIO VOLVER ATRÁS”: LAS MEMORIAS EXISTENTES DEL PADRE IBIAPINA**

Noemia Dayana de Oliveira

**RESUMO**

O padre Ibiapina entendeu a morte, sobretudo, a partir de reflexões sobre a vida. Desse exercício resultaram textos que nos aproximam das ideias religiosas que ele passou a evidenciar por meio do compromisso firmado eclesiasticamente. O sinônimo disso era a adesão religiosa ao catolicismo, que no século XIX correspondia à oficialidade e, portanto, o poder acima dos conflitos sociais, cujas penalidades incidiram sobre a vida dele e de seus parentes. Por esse motivo, objetivamos analisar como a expressão religiosa em torno dele foi entendida, já que ao se deparar com a morte trouxe à tona através de narrativas que o desconstroem enquanto mito. Dito isto, evidenciase a importância do entendimento da religião como um objeto específico em que o desenvolvimento das crenças está diretamente associado às condições históricas que as gerou. Para isso, nos reportaremos aos estudos metodológicos da História das Religiões, que nos ajudam a pensar a religião, e

transversalmente a morte, como um elemento que permite o sujeito relacionar-se mais abertamente com a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Padre Ibiapina; Mito. Ideias; Morte; História das Religiões.

**RESUMEN**

El padre Ibiapina entendió la muerte, sobre todo, a partir de reflexiones sobre la vida. De ese ejercicio resultaron textos que nos acercan a las ideas religiosas que él pasó a evidenciar por medio del compromiso firmado eclesiásticamente. El sinónimo de eso era la adhesión religiosa al catolicismo, que en el siglo XIX correspondía a la oficialidad y, por lo tanto, el poder por encima de los conflictos sociales, cuyas sanciones se referían a su vida y sus parientes. Por ese motivo, objetivamos analizar cómo la expresión religiosa en torno a él fue entendida, ya que al encontrarse con la muerte trajo a la luz a través de narrativas que lo deshacen

como mito. Dicho esto, se evidencia la importancia del entendimiento de la religión como un objeto específico en el que el desarrollo de las creencias está directamente asociado a las condiciones históricas que las generó. Para ello, nos referiremos a los estudios metodológicos de la Historia de las Religiones, que nos ayudan a pensar la religión, ya

través de la muerte, como un elemento que permite al sujeto relacionarse más abiertamente con la vida.

**PALABRAS-CLAVE:**

Padre Ibiapina; Mito; Ideas; Historia de las Religiones.

## INTRODUÇÃO

O Padre Ibiapina ficou conhecido por peregrinar pelo interior do Norte Imperial fazendo missões e construindo Casas de Caridade. Essas atitudes, em face à extrema pobreza que viviam os habitantes daquela região, o transformou em um mito, do qual podia-se esperar ações sociais, mas também milagres. Os seus biógrafos<sup>1</sup> reconhecem as atividades do padre como precursoras na feitura de soluções para os pobres do Norte, mesmo porque as políticas imperiais não foram suficientemente expansivas para cessar a miserabilidade dos sertanejos da metade do século.

A construção de vinte e duas casas, sendo elas distribuídas entre cinco províncias do Norte, a saber Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, foram demarcadores sociais e religiosos das ações de Ibiapina, que havia iniciado no sacerdócio em 1853, tendo abandonado a carreira institucional e se embrenhado no interior três anos depois. Naquele momento ele ocupava o cargo de Governador Geral<sup>2</sup> do Bispado de Pernambuco, cujo líder da diocese, seu amigo Dom João Marques Perdigão, considerava-o promissor o suficiente para atingir superiores hierarquias além daquela.

O diferencial do padre Ibiapina se esboçou desde a ordenação eclesiástica, quando se decidiu, influenciado pelo amigo Américo Magalhães<sup>3</sup>, a abandonar a reclusão em Recife/PE e seguir o seu “chamamento”. A condição para aceitar o pedido, que vinha indiretamente do bispo anteriormente mencionado, era a de pular etapas do processo, da qual

<sup>1</sup> Ver Celso Mariz (1980); Francisco Sadoc de Araújo (1995).

<sup>2</sup> Na hierarquia católica equivale ao Vigário-Geral, o qual exerce poderes na diocese em nome do bispo.

<sup>3</sup> Ver Noemia Oliveira (2017).

numa condição comum não seria concedida. Além disso, a idade de Ibiapina, 56 anos, não era comum entre os seminaristas que se formavam e ordenavam-se muito jovens.

É bem verdade que a biografia dele foi marcada pela educação religiosa e pela passagem em diversos seminários, dentre os quais se pode citar o Seminário de Olinda, o Mosteiro de São Bento e o Convento dos Oratorianos. Contudo, a permanência dele nesses lugares se deu também pela necessidade, enquanto órfão, de abrigar-se seguramente, mas principalmente de obter a gratuidade conquistada graças à boa rede de relacionamentos oriunda do seu pai<sup>4</sup>.

Além disso, a organização político e social do país tinha optado pela oficialização do Catolicismo como religião do império, o qual se havia tornado também provedor do ensino. Mesmo com a constituição dos cursos de Direito e Medicina, estes instalados em terrenos pertencentes ao patrimônio da igreja, não deixaram, portanto, de sofrer influência tanto pelo patulhamento, como também pela constituição no quadro de professores provindos da tradição católica.

Dito isto, analisaremos a partir de agora os passos do padre Ibiapina durante o seu trabalho missionário, evidenciando os últimos anos através de dois escritos que problematizam a sua ordenação, bem como as outras atividades que exerceu antes de ordenar-se. Datados de fins de 1870 e início de 1880, esses textos revelam reflexões do pré-morte como uma espécie de retrospectiva de vida, que ao ser questionada, resvala sobre as dúvidas em diversos aspectos, inclusive o da vida eclesiástica. Com a ajuda das considerações sobre mito de Mircea Eliade, morte de Philippe Ariès e religião como objeto da História de Francisco Gomes, interrogaremos esse mito que se construiu, tendo em vista que ele mesmo teve dúvidas acerca da vida sacra.

## I

José Antônio de Pereira Ibiapina, que ficou conhecido como padre Ibiapina, era cearense, mais especificamente da cidade de Sobral. Filho e irmão de militantes da Confederação do Equador, desde cedo ele aprendeu a conviver com os questionamentos sobre

---

<sup>4</sup> Francisco Miguel era alto funcionário do governo cearense, cujo posto o conferiu determinadas regalias que seriam difíceis caso não o ocupasse. Nesse caso, a facilidade para inserir seus filhos em escolas referenciadas era vivenciada primeiramente por Ibiapina, já que Raimundo, seu irmão mais velho, envolveu-se desde cedo na militância política com o pai.

a ordem social e política do país. Ao tornar-se órfão, Ibiapina iniciou os estudos em Pernambuco, onde encontraria apoio pessoal e financeiro de importantes personagens, cujo conhecimento se derivava das relações políticas cultivadas pelo seu pai.

Ao ter cursado os estudos primários ainda no Ceará, Ibiapina seguiria para Pernambuco, o centro das instituições superiores do Norte Imperial. Lá frequentaria o Seminário de Olinda, o que não significava para ele a posterior ordenação eclesiástica, mas a possibilidade de adquirir maturidade intelectual. Por isso, logo seguiria para o curso de Direito, instalado, de início, no Mosteiro de São Bento, também em Pernambuco. A pretensão era consolidar-se economicamente, tendo em vista que não herdou dos seus pais qualquer recurso financeiro que o pudesse manter.

O bacharelado em Direito possibilitou Ibiapina adentrar ao mundo do magistério, sendo professor na mesma faculdade, além da atuação no parlamento brasileiro e na comarca de Quixeramobim como juiz e chefe de polícia. Advogou dois anos nas províncias de Pernambuco e Paraíba. Os jovens, como ele, vislumbravam o Direito como a porta de acesso aos espaços institucionalizados do império, o que de fato acontecia, já que a maioria dos formados na primeira turma (a turma de Ibiapina), foram importantes figuras do Império brasileiro.

No entanto, a atuação nessa área foi marcada por contrariedades, levando Ibiapina a recolher-se em Recife por alguns anos, com o intuito de afastar-se do universo público e reaproximar-se das práticas contemplativas dos Oratorianos, os quais o aceitaram como hóspede no Convento da Madre de Deus quando ele ainda cursava Direito. Esse período foi também o momento que Ibiapina retornou as leituras feitas quando era estudante do Seminário de Olinda, o que, de certa forma, agregou-se com o conhecimento adquirido anteriormente.

Nesse sentido, o complexo contexto linguístico em que ele se situava tornavam mais ricos e ambivalentes os seus atos de fala (POCOCK, 2003), os quais eram resultantes da polifonia intelectual adquirida nas experiências anteriores. Isso fez despertar nas autoridades eclesiásticas, mais especificamente Dom João Marques Perdigão, o interesse pelas atividades que Ibiapina poderia desenvolver pela comunidade católica. O benefício que o bispo buscava na ordenação e, posteriormente, os trabalhos, estender-se-ia muito mais para a burocracia eclesiástica, do que propriamente para os fiéis.

Foi então que o amigo Américo Magalhães, em constantes visitas à sua casa, perguntou-o sobre a possibilidade de tornar-se padre, a qual teria sido dirigida pelo próprio bispo, caso Ibiapina fosse amigo mais próximo ou mesmo mais frequentador da diocese. A intenção de Américo, portanto, era antes a de Dom Perdigão e de outros padres pernambucanos, que se mantinham informados e duvidosos sobre o recolhimento de Ibiapina, como que vigilantes de qualquer extravagância que ele pudesse vir a cometer, já que o seu passado de deputado, juiz e advogado o trouxe para um recolhimento incompreensível, como narra Américo nesta carta dirigida à Paulino Nogueira, primeiro biógrafo do padre:

Muitas vezes, o nosso patricio cônego Lourenço Correia de Sá, então vigário da freguesia de São José, em que Ibiapina residia, ex-visitador desta província, e o virtuoso padre Francisco José Tavares da Gama, cônego da capela imperial e secretário do Bispado, já falecidos, além de outras pessoas conhecedoras da predileção que por mim tinha o Dr. Ibiapina, me pediram para convidá-lo a ordenar-se. Mas, tal era o respeito que me inspirava e a todos, que com ele tratavam, que me sentia acanhado em tocar-lhe sobre semelhante assunto, mesmo porque notava-lhe uma certa irascibilidade, e então respondia a quase a esses sacerdotes que eles, pelas suas posições e predicados, estava mais habilitado, do que eu, para esse fim. E assim o tempo corria. Todos desejavam que o Dr. Ibiapina se ordenasse, mas ninguém se animava a falar-lhe nisso. Um domingo à tarde, no princípio de junho de 1853, saí do Palácio da Soledade onde, como sabe, eu residia, e dirigi-me para a rua Santa Rita a visitar o Dr. Ibiapina, o que fazia muitas vezes. Batendo eu à porta e aparecendo-me ele, perguntei-lhe, antes de sentarmos, como estava e ele respondeu-me com certa serenidade: “Como quem há pouco chegou da Penha”. À esta resposta, o encarei fixamente e disse-lhe de modo resoluto: “Doutor, o sr. nesta vida assim... Por que não se ordena? Pois não é melhor?” “Sr. Américo, respondeu-me ele depois de uma pequena pausa, o Sr. foi mandado hoje aqui pela Providência. Saiba que meu espírito há muito luta com essa ideia e esse é o meu maior desejo, mas eu não me achava com coragem de me abrir com ninguém, porque então é que diriam que eu estava maluco. Uma vez que me fala nisso, faça ver o Sr. Dom João que quero ordenar-me, mas não me sujeito a exame nenhum. Se for possível assim, muito bem. Do contrário, nada se fará. Entretanto, peço-lhe o maior segredo em tudo isto (MAGALHÃES, 1888).

Para tanto, vale entender que a sua ordenação fazia parte de um processo maior de clericalização em Pernambuco, comunidade que sofria com a indisciplina dos religiosos em relação aos comportamentos mais atrelados a política, do que propriamente ao catolicismo. Assim como afirmam os estudos de Dilermando Ramos Vieira (2016), a igreja brasileira se formou muito mais nos púlpitos parlamentares, do que nos púlpitos das igrejas. Contudo, isso não implica em desarticulação da comunidade, ao contrário, esse grupo pela considerável capacidade de união manteve-se poderoso durante todo o império.

Nesse sentido, a sugestão de ordenação trazida por Américo à Ibiapina estava localizada no seio desse projeto que se intensificava na segunda metade do século XIX,

quando os superiores católicos se acometeram da necessidade de fortalecer a disciplina clerical, formando homens que fossem capazes de colaborar com essa reorganização, que pretendia manter-se longe dos conflitos políticos e das sedições populares, exatamente o oposto do que tinha acontecido nas primeiras décadas oitocentistas.

No entanto, a ordenação de Ibiapina ocorreu exatamente ao avesso do que essa proposta desejava, que era o seguimento à risca das regras clericais. Por contar quase cinquenta anos e por ter estudado minuciosamente a doutrina católica, ele só aceitou a indicação do amigo se houvesse a suspensão de algumas etapas formais do processo, o que foi concedido sem maiores problemas, como já frisamos anteriormente.

Cabe aqui mencionarmos que o contingente de clérigos decrescia desde a fundação dos cursos de Direito e Medicina no país, ambos responsáveis por captar os homens para ofícios mais diretamente ligados ao poder decisivo do Estado imperial. A condição de seminarista e, posteriormente, padre, foi se tornando cada vez menos atrativa, tendo em vista que as divergências, ainda que veladas, começavam a fragilizar a relação da Igreja com o Império. Portanto, reconstituir esse quadro esteve muito mais relegado a uma espécie de voluntarismo, do que de interesses sociopolíticos.

Atendidas as suas exigências, fator que despertou mais uma vez para o privilégio de Ibiapina junto à comunidade católica pernambucana, ele se ordenou em 1853 e realizou a sua primeira missa no local em que anos antes o havia hospedado – a igreja do Convento da Madre de Deus, localizada no centro do Recife. A partir dali passaria a assinar o seu nome como José Antônio de Maria Ibiapina, como sinal da sua fé mariana e que pode ser melhor observada ao longo da sua atividade religiosa nas Casas de Caridade<sup>5</sup>. Vale ressaltar que ele não aderiu a nenhuma ordem católica, sendo então considerado um padre secular.

No seu novo ofício, Ibiapina entendia, sobretudo, que a religião era o cumprimento escrupuloso de um compromisso ao qual estava ligado. Por isso, a sua adesão religiosa incidiu sobre o significado existencial, as práticas sociais e os conflitos sociais, constituindo-se em instrumento de ordenação da realidade, enquanto, lugar, produto e fator ativo, desta (GOMES, 2002). Entre outras coisas, tornar-se padre foi a opção que restou para ele enquanto capaz de incidir sobre as mazelas sociais, já que as vivências em outras esferas públicas se tinham apresentado insuficientes para fazer justiça.

---

<sup>5</sup> Ver Danielle Lima (2014).

Visando a realidade do Norte imperial, mais especificamente o interior das províncias, Ibiapina foi ao encontro dos esquecidos que se encontravam abandonados pelas ações políticas centrais, especificamente após o acordo firmado no pacto entre o governo central e os governos locais<sup>6</sup> (DOHLINKOFF, 2005). Essa negociação trouxe para os senhores locais a possibilidade de comandar sem maiores interferências imperiais, as quais seriam sentidas apenas em formato de resoluções ou questões tributárias. Os potentados, portanto, fortaleceram cada vez mais os apadrinhamentos, favorecendo a expansão de mandonismo nos lugares onde a lei central não chegava e, sobretudo, não poderia ser entendida (BARREIRA, 1999).

Além do funcionamento particular da política local, a presença católica nessas freguesias também era deficiente, tendo em vista que o quadro de clérigos não era o bastante para ocupar todas as paróquias existentes no interior. Nesse cenário, o pároco era muitas vezes uma espécie de funcionário do dono de terras, obedecendo e executando as ordens dadas por ele (HOORNAERT, 1981). Religiosos como o padre Ibiapina representavam a transgressão, não somente em termos institucionais, por ter optado pelo trabalho itinerante, mas também porque não esteve submisso a nenhum patriarca.

## II

O padre Ibiapina, pelas ações desenvolvidas no interior miserável do Norte imperial, foi considerado pelos seus seguidores um *salvador*, por ter investido em práticas capazes de solucionar problemas imediatos, mas também por ser apontado como um mito, sendo ele fornecedor de modelos para o comportamento humano e, nesse sentido, capaz de conferir significado e valor a existência desumana em que se encontravam os nortistas.

As atitudes que teve o padre Ibiapina junto a realidade dos miseráveis – construção de Casas de Caridade, hospitais, igrejas, açudes e escolas – o conferiu esse *status* de mito, já que a ausência de políticas públicas para os pobres veio a ser realizada por via-religiosa. Chegava, portanto, mantimentos e orações, num cenário de profunda escassez. Nesse caso, vale salientar que esse *status* foi conferido a partir da máxima que “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em

---

<sup>6</sup> Nesse caso, devemos entender como governos locais àqueles ligados as províncias, as quais comportavam direta relação com o governo central.



perspectivas múltiplas e complementares, justificando comportamentos – assim fizeram os deuses, assim fazem os homens” (ELIADE, 2000, p. 12-14).

Para tal, o mito que se criou em torno do padre Ibiapina narrava acontecimentos de caráter público, isto é, passíveis de serem verificados, dentre eles as obras das Casas de Caridade, atitudes, diga-se de passagem, mais pragmáticas. Mas também ocorrências na Fonte do Caldas, um balneário que se localiza na região do cariri cearense, mais exatamente na cidade de Barbalha. Este último pode ser observado a partir dos textos publicados no jornal *A Voz da Religião no Cariri*<sup>7</sup>, cujo caráter informativo narrava os banhos milagrosos receitados por ele.

Nessas publicações é possível verificar a ausência do caráter extraordinário por parte do padre, que era procurado recorrentemente para a benfeitoria de milagres. Contudo, mesmo que Ibiapina seja pouco mencionado como milagroso, o que inclusive tem impactado diretamente no processo (em andamento atualmente) de beatificação do mesmo, a construção do mito originou-se e fortificou-se pelas intervenções sociais, que foram rememoradas por ele em manuscritos datados pouco antes de sua morte, com certo viés testamentário, que aqui nos debruçaremos.

Para tanto, vale entender que a atitude dele diante da morte foi a de lembrar-se do passado, com o intuito de esgotá-lo, de forma a possuir sobre este tempo anterior uma espécie de controle. Ou seja, por meio das memórias, ele reencontrou em si mesmo a santidade que reconheceu como divina (ELIADE, 2000), embora ainda persistissem as dúvidas sobre os seus escritos:

O presente e os sucessos ordinários da vida não me impressionam. Sou o homem do passado e do futuro. As obras da natureza me convidam às reflexões sublimes que me elevam até o Criador, a quem curvado adoro, admiro e me confundo. Donde me vem este pensar e sentir? (IBIAPINA, 1879).

Para Ibiapina não tinha sido suficiente saber do Criador e das suas obras por meio da vida religiosa que o tornou padre em 1853. Embora subordinado a essa divindade, ela não havia sido capaz de orientá-lo como o fez com outros, os quais as dúvidas não eram se quer mencionadas. Um padre que tem dúvidas é considerado infiel, incapaz de ser orientador de outros em condições espirituais mais vulneráveis, como também de ser seguido, como ele o foi antes de morrer.

<sup>7</sup> Ver Noemia Oliveira (2015).

No entanto, segundo Philippe Ariès (2012), o morredição que tem consciência da sua morte e manifesta-se sabendo disso, numa perspectiva da *morte domada*, reflete acerca das suas experiências, sendo que “o primeiro ato é o lamento da vida, uma evocação, triste mas muito discreta, dos seres e das coisas amadas, uma sùmula reduzida a algumas imagens” (p. 37). Nesse sentido, lembrar-se da vida para Ibiapina é refletir sobre as contradições que viveu, inclusive as que são consideradas por ele como empecilhos para seguir o caminho da virtude.

Para ele, o que acontecia era lastimável, pois que:

É pena que me tenham escapado muitos proveitos, que se os tivesse obtido teria um completo diretório providencial que me faria marchar intrepidamente no caminho da virtude. Se eu lhe fosse fiel como devera, minha posição espiritual seria bem diferenciada da que me acho, que me julgo sempre noviço, vendo e lendo aqueles que o bom Deus me deixou para segui-los, falo os Santos (IBIAPINA, 1879).

Por não ter sido espiritualmente fiel a Deus, o fazia inferior, em primeiro por ser sempre aprendiz no ofício que ocupava, e segundo, pela inexperiência eclesiástica e pela ordenação incomum em que foi congratulado como padre. Os *Santos*, exemplo que se ele deveria ter seguido como homem religioso, reconheceu não ter seguido. Os padres, portanto, que eram tidos como representantes divinos não se tornaria, efetivamente, a identidade de Ibiapina, ainda que os seus fiéis o considerassem assim.

Para tanto, as reflexões feitas por ele significava que a morte havia se tornado o lugar em que melhor tomou consciência de si mesmo (ARIÈS, 2012), de modo que a identidade de mito que forjaram para ele tornou-se inválida, uma vez que reconheceu ser um homem atormentado pelas dúvidas e falhas, ainda que as reconheça por meio da nitidez que a finitude humana proporciona aos moribundos.

É contudo (sic) de grande vantagem para mim reconhecer minhas faltas e delas ter pesar profundamente. Assim mesmo, descanso no meio das tempestades de minha vida à sombra da misericórdia de Deus, que nos ganhou bom Jesus quando orou ao Eterno Pai, pedindo pelos perversos e ingratos pecadores, dizendo: Pai, perdoa-lhe, porque não sabem o que fazem, parecendo-me que me será aplicada aquela oração quando tiver de ser julgado, como se por mim fosse dirigida (IBIAPINA, 1879).

Ter aceitado o mito, o Criador que impera sobre o cristianismo, e mais, ter sido considerado um mito a partir dos seus comportamentos-modelo, Ibiapina demonstrou a fragilidade das suas ações, acompanhadas de dúvidas, as quais são incapazes de leva-lo a virtude dos Santos. Ele entendeu que seria julgado pelas suas faltas, que são colocadas para a ponderação como um drama da personalidade. A partir disso, pode-se afirmar que ele se

desmistifica, desconstruindo a liderança religiosa que foi, a qual é considerado como seguidora do dom divino.

Nesse sentido, ele despertou para o entendimento do “eu” como um produto da Matéria, compreendendo simultaneamente que toda a existência não foi mais que uma série de momentos dolorosos, e que o verdadeiro espírito “contemplava impassível” o drama da “personalidade” (ELIADE, 2000). No entanto, o que tiveram dele, especificamente nos seus trabalhos missionários, foi a função soberana de um mito, que era a de revelação de modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: tanto a alimentação como o casamento, o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria<sup>8</sup> (ELIADE, 1992).

Ibiapina, para seguir os modelos de conduta santa, acreditava que somente o isolamento seria capaz de transformá-lo, já que viver em comunidade o tirava o sossego da virtude. Entre outras coisas, pode-se entender a opção pelo interior e pela vida retirante que teve após a sua ordenação, escolhendo distanciar-se das regalias que teria com o cargo de Vigário-Geral, para se refugiar entre os miseráveis, ao fim e ao cabo parecidos com ele na orfandade e na miséria.

Quando contemplo a vida que passavam os Cenobitas<sup>9</sup>, retirados do mundo, contemplando as belezas da natureza, o saber, o poder e a bondade do Autor de tantas maravilhas... Oh! Quanto me edifica uma tal vida! Colocados entre penhascos e serras inacessíveis aos homens, que nem seus movimentos sentiam, ficando-lhe livre o tempo para trabalhar e orar no serviço de Deus, escapando a tantos males, cercados de tão boas circunstâncias para a virtude...

Se a isto juntarmos as ruínas que se contemplam, encerrando a grandeza abatida e tudo que encantou os mundanos, reduzidas ao nada... Digo: essas contemplações imprimem na alma sentimentos grandes para desprezar o mundo e abraçar o caminho da virtude e escapar às ilusões desta vida sempre enganosa... Oh! Bom Deus, imprimi no meu coração, com permanência, estas reflexões para que dirijam meus pensamentos e ações até o fim de minha vida (IBIAPINA, s/d).

O padre, que deixava claro a sua distância do caminho da virtude, no qual os seus fiéis o reconheceram e o fizeram pensar durante os anos em que peregrinou no interior do Brasil, pedia com insistência para o *Bom Deus* fazê-lo escapar das ilusões, como se elas tivessem sido aquilo que mais cultivou em todos os ofícios que exerceu, inclusive o de clérigo. Diante disso, podemos afirmar que essas confissões eram impensadas para um religioso reconhecidamente popular e santificado como Ibiapina o foi e ainda é.

<sup>8</sup> Ver o jornal *A Voz da Religião no Cariri*, sessão *História das Missões no Cariri Novo nos anos de 1864 e 1868*, escrita por Bernardino Gomes de Araújo.

<sup>9</sup> Monges que vivem em comunidades retiradas.

A responsabilidade para com os seus fiéis, o fez seguir no sacerdócio, ainda que para ele as dúvidas permanecessem insistindo sobre si mesmo. O homem que se quer virtuoso na Igreja Católica, mostrou-se a partir desses escritos que “voltando-se para a matéria e ‘ardendo de desejo de conhecer o corpo’, a alma esquece a sua identidade” (ELIADE, 2000, p. 110). A se dar conta disso, e como uma espécie de absorção dos seus erros, ele se lançou em reflexões que

Trata-se de uma rememoração meticulosa e exaustiva dos acontecimentos pessoais e históricos. É certo que, também neste caso, o objetivo final é “queimar” essas recordações, de certa forma aboli-las revivendo-as e libertando-se delas. Mas já não se trata de as apagar instantaneamente a fim de se alcançar, o mais rapidamente possível, o momento original. Pelo contrário, o importante é recordar até os pormenores mais insignificantes da existência (presente ou anterior), pois é unicamente graças a essa recordação que se consegue consumir o passado, dominá-lo e impedi-lo de intervir no presente (ELIADE, 2000, p. 78).

Daí ele se lança em uma narrativa gradual, desvendando os personagens que fizeram parte da sua vida e que o marcaram, de uma forma ou de outra, com as desgraças, entendidas como verdadeiras disposições que justificam a perturbação do seu espírito. Reconhecemos detidamente que Ibiapina responsabilizou *Deus*, um fatalismo do qual não pôde se livrar, da vida e dos antagonismos vivenciados:

Desde o começo de minha vida que as desgraças me cercam; meu pai, fuzilado pela política; meu irmão desterrado, onde morreu desgraçadamente; minhas irmãs, em tenra idade, abandonadas em casa de parentes, deram ao meu espírito uma direção tão penosa, que aprendi a pensar seriamente na idade da juventude e com pendor sempre para coisas penosas. Reconheço que esses reveses de minha vida explica esta tendência do meu espírito, mas bem vejo que tudo isso é providencial, que Deus assim dispôs as coisas e o meu espírito para ao fim que ele me criou (IBIAPINA, 1879).

Rememorar para ele era esgotar o passado desgraçado que afirmava ter tido, o qual é colocado como o responsável pelas desventuras da sua alma. Ibiapina tira o compromisso de si sobre a tendência do seu espírito, que ele não explicita, para depositar em Deus, que o criou para um fim que também é silenciado por ele. Com isso, entendemos que no espelho de sua própria morte, ele redescobriu o segredo de sua individualidade (ARIÈS, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O padre Ibiapina, que peregrinou durante mais de vinte anos no interior do Brasil, descobriu-se enfermo e inviabilizado de andar nos últimos cinco anos de vida. Nesse período, dedicou-se exaustivamente a escrever sobre si e também sobre o quadro sociopolítico do período<sup>10</sup>. O caos psíquico pelo qual ele passou antes de morrer, revelado aqui pelos seus escritos existenciais, demonstram como ele se encontrava prestes a dissolver-se do passado e que uma nova personalidade era forjada através da sua narrativa, esta mais contida e mais santa do que aquela iniciada com o seu trabalho missionário.

Por isso, ele acreditou nos escritos memorialísticos como uma solução para esgotar-se dos seus erros, impensados para o homem religioso e, mais do que isso, para a construção do mito que elaboraram em torno da sua personagem. Diante disso, essas reflexões pré-morte contribuem para a desmontar a estabilidade espiritual do padre Ibiapina, que fora pensada e distribuída pelos seus biógrafos como triunfal, mediante um passado de decepções políticas, jurídicas e ideológicas.

Assim, podemos reconfigurar a personagem clerical que foi o padre Ibiapina, atentando para aspectos contidos nos seus próprios escritos, cujo processo de beatificação, juntamente com a tradição biográfica em torno dele tem insistido em inibir. Dito isto, é necessário refletir que “o objetivo último do historiador das religiões é compreender, e tornar compreensível aos outros, o comportamento do *homo religiosus* e seu universo mental” (ELIADE, 1992, p. 131), intentando para que este não esteja isolado dos demais, mas que seja o extrato possível da sociedade da qual faz parte.

---

<sup>10</sup> Desse período contam textos sobre a maçonaria, a seca e o movimento do Quebra-Quilos presentes no livro *Crônica das Casas de Caridade Fundadas pelo Padre Ibiapina*.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS****Fontes**

MANUSCRITO do padre Ibiapina de 23 de março de 1879, narrando passagens da sua vida. Arquivo de Santa Fé.

MANUSCRITO do padre Ibiapina sem data, fazendo reflexões sobre a sua vida religiosa. Arquivo de Santa Fé.

**Bibliografia**

ARIÈS, Philippe. As atitudes diante da morte. In: **História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 29-98.

BARREIRA, César. Velhas e novas práticas do mandonismo local: Um diálogo com Maria Isaura Pereira de Queiroz. In: **Revista de Ciências Sociais**, v. 30, nº ½, 1999. p. 37-43.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. **O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo**. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 43, fasc. 169, março de 1983.

CUNHA, Anderson Santana. Finitude Humana: A perplexidade do homem diante da morte. **Anais do 5º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp**, vol. 3º, nº 1, 2010. p. 183-194.

DOHLINKOFF, Miriam. **O pacto imperial: Origens do federalismo no Brasil**. São Paulo: Globo, 2005.

ELIADE, Mircea. **Aspectos dos mitos**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 2000.  
\_\_\_\_\_. Existência humana e vida santificada. In: **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 131-172.

GOMES, Francisco José Silva. Religião como objeto da História. In: LIMA, Lana Lage Gama et all. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

HOORNAERT, Eduardo. **Crônica das Casas de Caridade Fundadas pelo Padre Ibiapina**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

\_\_\_\_\_. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**: Ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. **Devoção e santidade nas Casas de Caridade**: A idealização mariana do Pe. Ibiapina. Goiânia, 2014. 299f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

MARIZ, Celso. **Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.

OLIVEIRA, Noemia Dayana de. **A construção do mito Ibiapina no jornal A Voz da Religião no Cariri**. In: Anais do IV VIDELICET, 2015. p. 292-297.

\_\_\_\_\_. **Um intelectual a deriva**: O padre Ibiapina e as articulações intelectuais no Nordeste oitocentista. Campina Grande, 2017. 66f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em História) – Universidade Federal de Campina Grande.

POCOCK, John Greville Agard. Sérgio Miceli (org.). Tradução Fábio Fernandez. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

\*\*\*

Artigo recebido em abril de 2018. Aprovado em dezembro de 2018.